PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 25/16

Concede a Medalha Thomé de Souza a Osvaldo Dórea da Silva, o "Marinho".

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

RESOLVE:

Artigo 1° - Fica concedida a medalha Thomé de Souza a Osvaldo Dórea da Silva, o "Marinho".

Artigo 2° - A Câmara Municipal fica autorizada a providenciar a entrega da referida Comenda, em Sessão Solene, previamente marcada e convocada para este fim.

Artigo 3° - As despesas decorrentes da presente Resolução correrão por conta da verba própria do Orçamento vigente.

Artigo 4° - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 19 de maio de 2016.

HENRIQUE CARBALLAL

JUSTIFICATIVA

Nascido em 4 de julho de 1925, Osvaldo Dórea da Silva é filho de José Dórea da Silva e Almerinda Dórea da Silva. Exemplo de cidadão honrado, que vindo de origem humilde conseguiu sobreviver vitorioso nessa Cidade.

Estava com 8 anos de idade, quando do falecimento de seu pai, o que o levou ao 1º Orfanato da Bahia, na Cidade de Santo Amaro da Purificação. Após 2 anos de internato, fugiu à procura de sua mãe e irmão, que estavam residindo na Cidade de Mata de São João. Lá, foi acolhido por seus tios maternos e conseguiu concluir o primário. Desde então, já trabalhava transportando carvão e lenha em burros, para corresponder ao acolhimento.

Menino de espírito inquieto, que vislumbrava um mundo maior, saiu desse ambiente familiar aos 15 anos, pegando carona num trem e saltou em Periperi, Subúrbio Ferroviário.

Sem referência, sem lugar para lhe acolher, dormia nos Vagões do Trem, até que apareceu um "anjo" e lhe deu a oportunidade de lavar os sanitários em troca de comida. O tempo que sobrava era utilizado para ajudar os mestres

em pequenas tarefas, como pegar as ferramentas, limpá-las e guardá-las, logo conquistando a confiança de todos. Em troca, recebia lanches e gorjetas, assim como apareceram as primeiras doações de roupas sapatos e cobertores. Era a vida voltando a lhe sorrir.

Com tantas virtudes (atencioso, educado, sorridente, bem-humorado, prestativo), não demorou muito para se destacar, tendo chamado atenção do chefe-geral da oficina, que lhe ofereceu o primeiro emprego, em 1944, contratado na função de Aprendiz, pela Leste Ferroviária Federal. Oportunidade de aprender todos os ofícios que ali tinha: torneiro, soldador, ferreiro, fundidor, mecânico de máquina a vapor, enrolamento de motores e eletricista. Em pouco tempo, já era chefe da Oficina e tinha uma legião de discípulos aprendizes.

Marinho, como carinhosamente era chamado por seus amigos, cultivou sua paixão pelo futebol, se destacando pela potência e precisão dos chutes e nos dribles desconcertantes. Driblar... Aprendera desde cedo com, a falta do pai e a fome. Passou pelos clubes: Periperi, Flamenguinho, Ipiranga (48/49); Galícia e Botafogo.

Marinho sonhava em ter uma família, filhos, casa própria, já que até então morava em pensão e eis que surge em sua vida Neuza Maria Brandão Dórea, natural de Cruz das Almas, com quem casou em 1955 e teve dois filhos: Newton Dórea (60) e Luiz Alberto Dórea (58), conhecido como "Zinho", que era portador de Síndrome de Down e foi criado com muito amor, carinho, respeito, dedicação exclusiva. Infelizmente, Zinho nos deixou em 2015.

Família constituída, Marinho inquieto e ambicioso por melhorias de vida e crescimento, além do trabalho na Leste, mantinha uma oficina mecânica e elétrica, no Largo do Tanque.

Eis que surge uma nova oportunidade: Um amigo lhe apresenta ao superintendente Eng. Egas, da GEO Perfuradora, multinacional Americana, contratista de Risco da Petrobras, especializada em prospecção de petróleo (sonda terra). Este lhe dá uma chance e um desafio: colocar a Principal carreta transportadora de Sondas para funcionar, posto que nenhum, dos vários eletricistas, até então consultados, tinham conseguido. Estava ali naquele momento lançado o maior desafio profissional, pois caso concertasse a carreta teria um contrato, milionário, para dar assistência a todas as sondas.

Após algumas noites em claro, Marinho formou uma equipe e conseguiu a tão sonhada oportunidade de ganhar dinheiro digno, honesto e justo, podendo oferecer um melhor conforto e segurança para sua família e sua equipe, já que sempre remunerou bem seus ajudantes.

Por conta deste Trabalho, que lhe tomava todo o tempo, viajando dia e noite por estradas de barro, até chegar no local onde era instalada a Sonda Petrolífera, para dar a manutenção aos motores elétricos que não podiam parar, funcionando 24 horas por dia.

Em 1967, o Governo Federal, sem aviso prévio, cancelou o contrato com a GEO perfuradora. Do ponto de vista econômico/financeiro, Marinho não sofreu muito, pois estava atento às possíveis dificuldades e procurou guardar um pouco, para o dia das vacas magras.

Após alguns investimentos sem retorno, com parte do dinheiro que lhe restou, entrou na sociedade com um amigo, que acabara de ganhar, como indenização da Coca-Cola, uma área para distribuição do produto, com sede em Jacobina.

Marinho entrou com o restante: dois caminhões, aluguel de depósito, capital de giro, compra das caixas de Coca-Cola, enfim, apostou todas as fichas que tinha e não tinha neste negócio. Por muito tempo dirigiu o caminhão, porque não podia contratar outro motorista e seu sócio era violonista e muito boêmio, qualidades boa para amigo, não para sócio.

À época, a concorrente de Petrolina entrou no mercado forte, sem que houvesse qualquer proteção da fábrica da Bahia, e Marinho teve que se defender.

Utilizando seu costumeiro bom humor, numa dessas viagens para fazer a rota de entrega de Coca-Cola, na sua região, ele vestiu um casaco e um boné do exército. Começou, então, a correr o boato na região que o "Coronel da Coca-Cola" não admitia invasão da sua área e quem se atrevesse levaria bala, daí "Marinho" passou a ser conhecido como o "Coronel da Coca-Cola".

Diante da falta de recursos para ampliar a frota, ficava cada vez mais difícil atender, satisfatoriamente, sua região, possibilitando sucessivas invasões em sua área. O negócio precisava de investimento urgente, e surgiu Dermeval Vilas Boas. Este, poderia comprar a distribuidora, mas preferiu ser sócio de Marinho, tendo dito à época: "Coronel, quero você comigo neste negócio, confio em você!"

A distribuidora cresceu ao ponto de ter 65000 caixas, várias carretas e caminhões, depósito próprio, 78 empregados diretos, ganhava sempre prêmios por bater metas, até em 1995, sem aviso prévio e para surpresa de todos, a fábrica suspendeu o fornecimento aos distribuidores. Esta atitude gerou um processo judicial que durou 19 anos.

Mais um duro golpe em sua vida, Marinho agora "Coronel", estava outra vez sendo desafiado a passar por mais um teste de superação, porém o corpo já mostrava as marcas das batalhas e sinalizou que estava debilitado, com Diabetes, Hipertensão, Alteração no sono etc.

Entretanto, a batalha judicial seguiu e, após várias manobras e todos recursos judiciais possíveis, no ano de 2012, por decisão unânime dos 11 desembargadores no Tribunal Plano, veio a vitória, conforme havia premonizado Dr. Joselito Rodrigues de Miranda, que certa feita lhe disse: "Acredite na justiça!"

Em 2014, “Coronel” mudou do IAPI, onde morou por 47 anos e construiu uma legião de bons amigos, para “Passargada” em Itapuã, onde comprou uma casa ao lado da casa de seu filho Newton e sua nora Giovana.

Hoje, após 2 anos de convívio no referido condomínio, Marinho, “Coronel da Coca-Cola”, é chamado de “Pai” por uma legião de amigos, admiradores e fãs, por seu entusiasmo pela vida, à véspera de completar 89 anos.

Diante do exposto e, em especial, da riqueza da história de Marinho em nossa Cidade, mais do que oportuna a concessão do título ora proposto, tratando-se, em verdade, de um ato de justiça, pelo que conclamo todos os meus pares a referendar a presente Proposição.

Sala das Sessões, 19 de maio de 2016.

HENRIQUE CARBALLAL